

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	09	13	F11	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Território Quilombola Trombetas
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná/PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	
Igreja de São José na Serrinha, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 07/05/2013.	Retrato de Balduino Melo e sua esposa, Francisca, ao lado do altar da Igreja de São José na Serrinha, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 07/05/2013.
	
Igreja de São João Batista no Arancuan do Meio, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 06/05/2013.	Apolônia Lopes Souza (Tia Pola), parteira do Jarauacá, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 07/05/2013.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
O Território Trombetas é composto pelas comunidades Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan do Meio (Varre-Vento – Trombetas), Arancuan de Baixo, Jarauacá, Terra Preta II e Serrinha. De modo geral, apresenta características sociais e referências culturais semelhantes aos demais territórios quilombolas de Oriximiná. Destacam-se as festas de santos, os saberes e os modos de fazer ligados às plantas medicinais e à cura, à culinária tradicional e aos artesanatos feitos com matérias-primas naturais. Celebrações No território Trombetas registram-se festas religiosas, juninas e natalinas e comemorações de datas como o Dia da Consciência Negra e o Dia das Mães – como, de praxe, ocorre nas diversas comunidades quilombolas de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Oriximiná. Com relação às festas de santo, as celebrações variam conforme a comunidade, com destaque para: a festa de São João Batista em Arancuan do Meio, no mês de junho; a festa de São José na Serrinha, em dezembro; a festa de São Francisco de Canindé em Jarauacá, no mês de outubro; e a festa de Nossa Senhora da Piedade em Arancuan de Baixo, no mês de novembro.

Segundo moradoras do território, antigamente as festas de santo tinham círio, mastros e ladainhas, além de farta distribuição de comidas e muitas brincadeiras, como nas demais festas “culturais” dos quilombos. Hoje em dia, no entanto, elas perderam a maior parte das características tradicionais, resumindo-se à realização de breves celebrações, torneios de futebol e festas dançantes durante as quais tudo que se serve é vendido. “A festa agora, é só pra ganhar dinheiro”, resume Dona Raimunda Vieira, quilombola de Arancuan de Baixo, que segue lembrando:

Como eu sempre digo, naquela época era atrasado, mas tudo era unido. A gente fazia um mutirão, dava muita gente pra ajudar, era pra plantar, pra derruba. Nessa época não tinha energia, a energia era lamparina. Pegava, colocava querosene na lamparina, nos esteios aqui nos cantos pra poder fazer a brincadeira, pra poder dançar. Todo mundo brincava, não tinha briga. Quando queriam brigar, tinha que desarmar primeiro, pra todas pessoas brigar só com a mão. Comia, bebia. Tinha comida, tinha beiju, tinha café, tudo gratuito, ninguém vendia nada (Raimunda de Aguiar Viera, Arancuan de Baixo, 06.05.13).

Festa de São João Batista

Porém, este não foi o primeiro padroeiro. A primeira festa era dedicada a N. Sra. da Piedade. A festa de São João foi iniciada por Benedita Gomes dos Santos que foi a primeira proprietária do santo que havia sido herdado de sua mãe, o que leva a contar que a imagem tenha mais de 100 anos. A imagem já passou por uma reforma.

A festa de São João Batista, padroeiro de Arancuan do Meio, destaca-se no contexto atual porque resguarda práticas festivas atribuídas aos negros que deram início à ocupação da área. Ela é realizada no mês de junho e atrai visitantes de várias comunidades quilombolas, que a consideram emblemática por manter as antigas tradições dos quilombos.

Segundo Evaldo Soares, coordenador da equipe catequética da Igreja de São João Batista, a comunidade de Arancuan do Meio atribui um sentido muito especial à manutenção dos seus modos tradicionais de celebrar e, por este motivo, une-se todos os anos para garantir a realização do festejo do padroeiro, investindo o que pode para receber festeiros e visitantes com muita fartura.

A nossa festinha do nosso padroeiro São João, que a gente tem esse costume de fazer todos os anos, porque pra nós é uma coisa importante, porque atrai muita gente. Muita gente de fora vem pra participar com a gente aqui no mês de junho, passa, passa três dias aqui. É três dias de festa que a gente dá o alimento pra pessoa, mata boi, caça, se reúne... Aquela união com o patrocínio do alimento, todo mundo vem aqui, come, bebe. (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013).

A partir do dia 16 de junho são feitas as “noitadas” de festa, que, segundo Ana Néri dos Santos, funcionam como momentos de diversão e reunião das famílias, de rememoração das expressões culturais antigas e de planejamento da coletividade: “aí sai as danças culturais e a gente planeja a renda que entra” – diz ela.

Tem as novenas, bingo, leilões, aí dia 24 que é o dia que termina. É as brincadeiras nesse dia. A gente fica brincando da quadrilha, outras brincadeiras que o pessoal conhece mais do que eu. Aí fica nesse movimento das brincadeiras. Outras comunidades participam com a gente, vêm e trazem também as brincadeiras de lá. (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013).

As noites vão até o dia 23, véspera de São João, quando os festejos são animados por músicas de “pau e corda” e danças como quadrilha, lundum e valsa. A comunidade se esforça para manter essa tradição festiva, muito embora tenha havido algumas mudanças nos modos de fazer os instrumentos de pau e corda, devido às dificuldades de obter determinadas matérias-primas. Ela explica que “as pessoas ficam no tambor, no violão, mas antes, a festa de pau e corda era feita de couro de macaco, de porco, de veado. Era bicho do mato. Eles faziam aquele tambor amarrado. Às vezes eles faziam fogo aquela hora da noite pra esquentar o aparelho, pra poder funcionar”.

A partir do dia 23 de junho é que chega o maior número de convidados para a festa. A comunidade se orgulha de recebê-los com farta distribuição de comida e bebidas típicas como aluá, caiçuma e tarubá. Ana Néri explica que “no 23 nós já damos a janta para os devotos. Tudo é por conta da comunidade. E no dia 24 nós já damos o café, o almoço e a janta”. O auge das comemorações ocorre no encerramento da festa, marcado por procissão, círio luminoso, corrida de rabetas e derrubada dos mastros.

Vale observar que o mastro utilizado na festa geralmente é feito de madeira imbiriba e o machado que se utiliza para derrubá-lo é velho para dificultar o corte, propositalmente. Ele é enfeitado com banana, coco, cana, macaxeira e outros alimentos providos pelo juiz da festa (posto ocupado pela pessoa que conseguiu pegar a bandeira do mastro na festa anterior, que fica responsável por custear o mastro no ano seguinte) e outros eventuais colaboradores. A comunidade prepara também um “mastro do invade”: após sua derrubada todos correm para pegar o que puderem. Depois da derrubada o mastro principal da festa é posto dentro da igreja, canta-se o hino do padroeiro e a comida é

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

distribuída para as famílias presentes.

A festa se encerra no dia 24 de junho.

No dia 24 é a chegada da santa. A gente fica aí na boca, marca tudo lá e quando é cinco e meia sai de lá pra cá. Sai daí da boca. Aí a gente solta barquinhas à vela, vai soltando, fica tudo iluminado aí. A gente faz [as barquinhas] de isopor. Corta assim, corta redondo aí bota um pedacinho de vela acesa, gruda lá. Corta uma vela em três pedaços, queima, aí vai soltando. Fica maravilhoso aí na frente! Um, dois, três barquinhos. Vai soltando... É colorido o papel da barquinha. É de toda cor. Fica uma coisa maravilhosa! O barco enfeitado, as bandeiras de São João também vêm movimentando, a equipe de jovens cantando (Evaldo Soares, Arancuan do Meio, 06.05.2013).

A última noite dos festejos é animada por músicas mais atuais:

No dia 24 a gente coloca a festa para os outros. Mas tem um limite, não pode dançar essas danças que tem. Só pode dançar valsa, bolero... Não é toda dança que é permitida. Agora que os jovens querem fazer festa social, mas das vezes que nós fizemos não deu certo. Deu briga, o pessoal não sabe brincar. Na festa que nós fazemos não dá a bebida é típica de nossa região. (Ana Neri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.2013).

Festa de São José

Embora não seja tão grandiosa quanto a anterior, a festa de São José realizada na comunidade da Serrinha é muito antiga e está presente na memória de muitos quilombolas do Trombetas, especialmente em relatos associados à presença do antigo curador Baldoíno Melo no comando das celebrações.

Muitos anos atrás a comunidade recebeu de um carpinteiro e dono de uma serraria a doação de uma imagem de São José, que passou a ser reverenciada pelos moradores locais. Antes mesmo da construção da igreja do santo, festejos em sua homenagem já eram realizados nas residências e no barracão comunitário. Nos primeiros anos de fundação da comunidade ainda se cantava a ladainha em latim, no entanto, com o falecimento dos rezadores, perdeu-se essa prática e as rezas foram substituídas por missas. Realizava-se o círio fluvial durante o qual se soltavam barquinhas com velas pelo rio. Também se fazia a esmolação do santo, prática na qual os devotos pagavam promessas e homenageavam o santo com donativos para realização de sua festa.

A festa era animada com músicas executadas por instrumentos de pau e corda. Tocava-se lundum, valsa e bolero (como antigamente era chamado o brega). No barracão coberto de palha colocavam-se lamparinas em cada canto do salão. As damas ficavam sentadas, esperando que cavalheiros as convidassem para dançar. O convite se dava quando o cavalheiro jogava um lenço na direção da dama. Conta-se que a dama não podia recusar o pedido, mesmo que não tivesse simpatizado com o cavalheiro. Se ela recusasse o convite, o cavalheiro podia reclamar ao pai da dama e este a mandava de volta para casa para ir dormir.

Formas de Expressão

Músicas de pau e corda

As músicas de pau e corda e as danças que as acompanhavam (lundum, desfeiteira, valsa, mazurca), acima designadas “danças culturais”, estão entre as principais formas de expressão referenciadas pelos moradores do Território Trombetas. Tais danças e músicas animavam as antigas festas de santo na localidade e fazem parte da memória local, porém, hoje em dia, só são realizadas nas “festas culturais” a exemplo do festejo de São João Batista acima descrito.

Histórias de encantarias

As histórias de encantarias são frequentes nas comunidades do Trombetas. Muitos são os relatos ouvidos na localidade sobre pessoas que, ao adentrarem a mata para coletar castanhas, acabaram se perdendo e não conseguiram mais voltar para casa. Geralmente essa situação é atribuída ao curupira, cujas estripulias fazem com que as pessoas se percam. Uma técnica para “driblar” o curupira, na crença local, é tecer cipó ou palha e deixar no caminho para que ele possa distrair-se com o trançado e, assim, “largar de mão” a pessoa que entra na mata. Foi o que aconteceu com Rosivaldo:

Numa viagem eu fiquei perdido lá no mato, eu dormi perdido, era de tardezinha, eu não consegui [sair], dormi no mato. Quando foi umas seis horas da tarde, bateu um pé bem aí perto. Eu peguei a espingarda e atirei, mas não respondeu. Não demorou, já bateu mais longe e foi escurecendo, eu tornei a atirar, mas não... Parou. Quando foi no outro dia eu levantei, eu tinha até matado um veado e tinha um jabuti no paneiro, eu deixei o veado e o jabuti... ‘eu vou levar’. Eu não sabia por onde estava andando, né? Cheguei lá no igarapé, eu tomei água, quebrei uma castanha e saí. Aí eu peguei os ouriços de castanha e amontoei tudinho um em cima do outro, embaixo da castanheira. Aí fui embora. Quando eu dei, cheguei em cima da castanheira assim bonita. Aí eu: ‘ainda agora passou

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

alguém aqui...'. Eu só comigo, aí eu fiquei olhando e me lembrei: 'Ah! Mas é eu que estou aqui de novo'. Aí eu me lembrei: 'isso é a curupira que tá me traindo. Os antigos dizem, meu pai, minha mãe, que quando ela traía a gente, a gente tirava o cipó, enrolava, fincava numa forquilha, deixava lá, tirava o rumo e ia embora. Eu digo: 'eu vou fazer esse trabalho'. Aí eu finquei lá, enrolei o cipó, finquei umas forquilhas lá no caminho, meti ela lá e... Bom, aí eu fui me embora mesmo, eu fui sair lá num estreito, aí de lá eu conheci, falei com um conhecido meu, aí ele me disse onde eu estava. 'Tô no estreito. Daqui eu sei pra onde é que eu vou'. Aí eu saí, e esse bicho, essa coisa, foi curupira que fez isso. A gente não vê nada, mas ouve o movimento. E ela me traiu dessa viagem e eu me perdi no mato (Rosivaldo, Jarauacá, 07.05.2013)

Outros relatos muito frequentes tratam do boto. Mas, num caso narrado por um morador, foi uma "bota" (feminino de boto) que "judiou" de um homem que estava noivo, a tal ponto que "foi preciso fazer um tratamento com remédios caseiros, chá e caribé para fortificá-lo". Há também narrativas sobre espíritos que passam por baixo da rede de algumas pessoas, normalmente para lhes "cobrar" maus-tratos cometidos a algum animal que era, na verdade, um encantado.

Lugares

Como em outras localidades pesquisadas, os lugares mais significativos para os moradores do território Trombetas são aqueles onde se realizam suas principais atividades produtivas (castanhais, lagos, rios, igarapés, roçados) e os lugares considerados assombrados ou encantados por seres sobrenaturais, a respeito dos quais versam muitas histórias de encantarias. Conhecidos também como encantos, esses lugares mágicos geralmente ficam no fundo das águas, nos igarapés, poços e rios, dentro das florestas, em pontas de pedra, debaixo da terra. É neles que os curadores, pajés ou sacacas fazem seus trabalhos ritualísticos. Na comunidade Serrinha, onde viveu e morreu o famoso curador/sacaca Baldoíno Melo, existem dois lugares especialmente referenciados pelos moradores do território Trombetas: a Ponta do Galção (Garção) e a Ponta do Jarutá. Há ainda relatos sobre locais onde que há muito ouro enterrado na localidade. Dizem no território que onde há ouro enterrado, há sinal de fogo.

Ponta do Galção (Garção)

O lugar é considerado encantado e os moradores da Serrinha procuram evitá-lo em obediência ao que ensinava o famoso sacaca Baldoíno Melo, que costumava mergulhar nesta ponta para ir até os encantos, onde fazia seus trabalhos de cura.

José Manoel Guedes de Melo conta o seguinte:

Mergulhava... Quando chegava o dia certo ele ia, mas a gente não via. Esse Durvalino, o finado Durvalino era que andava com ele quando ele ia sair pra fazer os trabalhos dele. Eles iam aqui pra essa Ponta do Galção, ele mergulhava e passava o dia todo no fundo. Quando ele boiava, o cabelo vinha enxuto. Ele dizia que tava no encanto. Eu não cheguei a ver, que ainda não tava no mundo ainda, mas pra lá ele trazia pirarucu seco de lá... Isso já era eles que falavam, eu não cheguei a ver. Agora, quando ele chegava a mergulhar ainda me lembro, na base de dez, nove anos, por aí, eu já estava morando aqui (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 06.05.13).

Um dos netos de Baldoíno confirma que

na Ponta do Galção, todos os trabalhos dele ele fazia ali. Era um ponto de referência. Eu acho que era ali que tinha a gente dele do fundo. Chegava uma época que ele ia pra lá com o Durvalino, que é o filho mais velho dele, ele mandava ele ficar na popa da canoa e ele caía na água. Passava uma, duas até quatro horas no fundo, depois ele boiava. Tem gente que tem medo de passar perto. Ali tem uns botos encantados, que o pessoal fala. Sempre acontece de algum tá pulando, meio doido. Às vezes, não respeitam, vai pra beira, aí já aconteceu isso. E aí o pessoal faz um remédio caseiro, faz defumação (Altino Régis de Melo, Serrinha, 06.05.13).

Ponta da Jacitara

Também situada na comunidade da Serrinha, a Ponta da Jacitara era mais um dos lugares usados pelo curador Baldoíno Melo para fazer seus trabalhos de cura.

No tempo do velho ele tinha o maior cuidado com a gente, pra cá pra essa ponta ele não deixava a gente ir criança. Era o maior cuidado de estar deixando a gente praí, que praí que morava os espíritos dele, ele mesmo dizia: Olha, praí mora o pessoal do meu trabalho, meu pessoal. Não facilita de tá andando fora de hora praí (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 07.05.13).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Ofícios e modos de fazer

Modo de fazer tarubá

Bebida de origem indígena, feita à base de mandioca fermentada e tradicionalmente consumida nas festas de santo no Baixo Amazonas, o tarubá é apreciado também pelos quilombolas de Oriximiná. Ele aparece na memória de vários moradores dos territórios pesquisados, mas no território Trombetas encontra-se ainda entre as iguarias preparadas na atualidade, muito embora seja reduzido o número de pessoas que sabem fazê-la.

Na comunidade Bacabal Dona Maria Janete Andrade sabe fazer tarubá, mas informa que “hoje ninguém faz”. Na comunidade de Jarauacá, o senhor Josivaldo Salgado informou que no passado se tratava de uma bebida muito tradicional e apreciada, que não podia faltar nas festas: “geralmente a mamãe fazia tarubá pra gente tomar”. Apesar de não saber informar “se em outro lugar fazem aí”, acredita que o tarubá ainda é “uma das bebidas mais consumidas” nas festas.

Em todo o território do Trombetas, é a comunidade de Arancuan do Meio que mais mantém a tradição do tarubá, particularmente na festa de São João Batista. Ana Néri dos Santos é uma das responsáveis pela preparação do tarubá e de outras bebidas típicas para a festa. Sua receita é a seguinte:

O tarubá tem uma qualidade de uma mandioca que é a mandioca milho. A mandioca a gente limpa, prepara ela, rala e deixa ela lá, amontoada. Pega uma tisna, que a gente pega debaixo do forno, e deixa ela lá. No outro dia você já vai espremer ela. Faz o processo todo e vai para o forno. Você já faz os beijus. Quando você tiver fazendo os beijus, já deve estar preparando a puçanga dele. O que é a puçanga? Ela é uma árvore do mato, a gente chama pra ele curumim. Este curumim dá umas folhas que a gente vai torrando junto com o beiju. Pega o cuí do beiju e vai misturando lá com a puçanga. Depois a gente faz a calda que é a puçanga boa. A gente leva ela, soca e fica bem fina. Aí a gente pega o beiju que a gente já fez. Pega um paneiro novo ou uma peneira e leva os beiju todos dentro. Leva para beira. Chegando lá, você mete o beiju lá dentro da água. Aí ele sobe, você carrega e você mete aquela cuia com aquela puçanga lá dentro e deixa escorrer aquela água lá dentro. Faz três vezes e leva para terra. E vai colocar ele na cama. É um lugar assim, em cima, e põe palha folha de bananeira. Põe em cima da tábua, forra bem, põe uma camada de puçanga, uma camada de beiju e torna a jogar a puçanga em cima, assim. Você vai até terminar. Cobre ele, abafa e deixa ele ficar lá. É quando ele vai começar a ficar forte, com três dias ele tá começando a cheirar gostoso e já tá pronto. Você passa ele no crivo para tirar aquela massa, e depois pode beber. É a nossa cachaça! (Ana Néri dos Santos, Arancuan do Meio, 06.05.13)

Artesanato

Nas comunidades do território Trombetas a produção artesanal de objetos de palhas, talas, cipós e madeiras respondia pela maior parte do consumo de utilitários nas residências e nos ambientes de trabalho. Entre outros objetos, produziam-se paneiros para juntar castanha e macaxeira, lixeiras (de cipó-ambé), tipitis, balaies e abanos (de palha de tucumanzeiro). O telhado das casas era feito com palha de ubim, que também servia para fazer o japá (porta e janela das casas). Atualmente, a produção desses objetos é mais rara: o tipiti foi substituído pela prensa; o balaio pelo guarda-roupa; os utensílios domésticos por plásticos; o abano passou a decorar festas folclóricas.

Produz-se ainda o remo de madeira, para o uso pessoal e diário.

Medicina tradicional

Boa parte dos ofícios e modos de fazer tidos como referências culturais do território Trombetas está relacionada ao tratamento de doenças provocadas por encantados ou fatores naturais. Embora o tratamento das primeiras exija a intervenção de agentes rituais específicos, que dominam certas práticas de caráter mágico-religioso, a cura das segundas é um assunto de ampla difusão em todas as comunidades da localidade. Com efeito, práticas de cura baseadas em conhecimentos tradicionais das plantas são muito frequentes em toda parte, tanto que é bastante comum observarmos nos quintais das casas grande diversidade de plantas que são usadas para combater febre, gripe, dor de barriga e outras doenças.

Para combater a malária (doença que ataca muito na zona do Cuirupicuru), usa-se carnaúba ou, conforme recomendação de Dona Raimunda Aguiar, um preparado à base de sucuba:

Você tire o leite da sucuba, um litro do leite da sucuba, meia xícara do leite da banana branca e uma xícara do mel da abelha, coloque tudo. Nesse tempo era atrasado aqui, não tinha geladeira, se coloca no sereno, aí quando for o outro dia, tome. Olhe, eu tomei 5 litros e fiquei curada, curada, curada, curada. (Raimunda Aguiar de Oliveira, Arancuan de Baixo, 06.05.2013).

Para tratar hepatite, Evaldo Soares sugere o chá da raiz do açai.

Nos trabalhos de parto nas comunidades as experientes parteiras quilombolas usavam preparos caseiros para

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

cuidar das mães e dos bebês. Faziam remédios inclusive para a mulher não ter mais filhos. Na comunidade Jarauacá a Tia Pola (Apolônia Lopes Souza), que conduziu o nascimento de inúmeros moradores, ensinou uma oração para fazer cair a placenta: “Eu não estou prenha, nem parida, tira essa carne podre de dentro da minha barriga.

Nos tratamentos de males da “mãe do corpo” – “uma palpitação que bate no umbigo da gente, que, quando ela entra pra baixo do peito, já era, morre rápido” – usa-se a prática da puxação para contornar sintomas como fraqueza, suores frios, falta de disposição. Dona Maria José Vieira da Silva, de Arancuan de Baixo, explica: “pode dizer que é a mãe do corpo. Puxou, ela vai pro lugar. Pronto. Vai esquentando, aí dá uma vontade, uma alegria de estar conversando”.

Ofício de curador/sacaca

O curador, também conhecido como sacaca e às vezes referido como pajé, é um personagem muito importante na região amazônica. A ele cabem práticas tradicionais de cura de doenças físicas e espirituais, especialmente aquelas provocadas por encantados, que só ele pode curar, segundo a crença regional. Como mostra Reginaldo Prandi,

a crença fundamental da pajelança cabocla reside na figura do encantado. Apesar de algumas variações nas crenças de região para região da Amazônia, entre aquelas já estudadas e descritas por antropólogos, folcloristas e outros escritores, a crença nos encantados se referem a seres que são considerados normalmente invisíveis às pessoas comuns e que habitam “no fundo”, isto é, uma região abaixo da superfície terrestre, subterrânea ou aquática, conhecida como o “encante” (PRANDI, 2004, p. 17).

Os curadores fazem parte do mundo diário, mas nem por isso menos fantástico, da vida de moradores de diversas comunidades tradicionais, que mantêm uma relação muito próxima com elementos da natureza, entre os quais os referidos encantados. Acredita-se que eles veem e ouvem coisas que os comuns não enxergam e não escutam; “fazem seus trabalhos” principalmente em bocas de rios, poços, lagos, pontas de pedra e lugares considerados sagrados dentro das matas, de onde frequentemente se deslocam sob forma de animal, para cidades encantadas e outros encantos onde travam contatos com seres sobrenaturais.

Os grandes pajés, no consenso geral de Itá... tinham o título de “sacacas”. Dizia-se que esses poderosos feiticeiros tratavam familiarmente numerosos espíritos que os ajudavam em suas curas; eram capazes de percorrer enormes distâncias sob a água e permanecer mergulhados durante dias e até semanas. Esse dom que possuíam distinguia-os dos pajés menos poderosos que hoje servem a população de Itá. Corre que os “sacacas” usavam a pele de uma cobra grande durante suas viagens sob a água. Cada um deles possuía um lugar particular à margem do rio, a que chamavam de seu “porto” e de onde mergulhavam no reino encantado das profundezas do Rio Amazonas ou para suas viagens submarinas (WAGLEY, 1988, p.228).

Nos quilombos de Oriximiná o mais famoso curador/sacaca foi o senhor Baldoíno Melo, o chamado Velho Baldoíno. Seu Dometilo, da comunidade de Tapagem, conheceu muito bem esse curador, pois era amigo de seu filho, e conta que ele tinha o mesmo hábito, narrado por Wagley, de mergulhar e passar tempo no fundo das águas:

Ele começou doido, diz ele que ficava doido mesmo de cair n’água. Só tinha um filho, por nome Dorvalino, que morreu ano retrasado, que aguentava junto dele. Então o velho Baldoíno, depois de eu casar, com família, eu ia pra lá conversar com ele e ele me contava. Ele começou desde sete anos, ele leso mesmo! O Dorvalino ainda teve muito junto dessa lesice dele...

Baldoíno Melo é reconhecido até hoje como o “maior curador de todos os tempos”, o “maioral” em todos os territórios quilombolas de Oriximiná e até mesmo em Santarém. Ele atendia a chamados de todas as comunidades da bacia do Trombetas e recebia quase que diariamente vários visitantes/pacientes em sua casa na Serrinha. Nela ele reservava um espaço sagrado, aos fundos da residência, para fazer seus atendimentos.

Conta-se que ele misteriosamente sempre previa quando alguém viria procurá-lo. Quando a pessoa chegava à sua casa, segundo os relatos de seus familiares e conhecidos, ele costumava dizer: “Eu já sabia que você vinha”. Seu principal instrumento de trabalho para as previsões era um espelho no qual ele antevia o futuro das pessoas, assim como encontrava o paradeiro de pessoas e objetos perdidos. Altino Melo afirma que “ele enxergava muita coisa” naquele espelho: “Tudo que ele sentia que ia acontecer, ele chamava a Francisca, que era a mulher dele, e mostrava no espelho, olha vai chegar tal dia gente doente”. Ao paciente, ele dizia logo se a doença tinha ou não tratamento. Quando tinha cura, o sujeito já ficava hospedado em sua casa para se tratar, às vezes por vários dias seguidos.

No mesmo espelho Baldoíno previu a construção de uma cidade no mesmo lugar onde hoje está Porto Trombetas, assim como a entrada de grandes navios no Rio Trombetas. Em seu tempo, quando tais acontecimentos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

pareciam impossíveis, muitos o chamavam de “preto mentiroso” por causa de suas previsões.

Era mata bruta, bruta mesmo. Isso eu me lembro como o dia de hoje. Nós vínhamos baixando lá da boca, que ele parou bem em frente à boca do Ajudante, bem em frente à Mineração, tem uma boca lá. O nome da canoa do motor dele era Tuna. Aí ele mandou parar o motor e disse: ‘Olha, meu filho, mandei parar esse motor pra dizer pra vocês. Eu não vou mais ver, mas tá vendo esse grande bananal que vocês estão enxergando aí? Esse grande bananal, esses inteiros de terra que vocês estão vendo ainda vai ser uma cidade. Eu não vou mais ver, mas vocês vão ver’. E tá lá uma cidade. ‘Navio nesse rio aqui ainda vai entrar’. Chamavam de preto besta pra ele, preto mentiroso. Onde já que vai entrar navio aqui? (José Manoel Guedes de Melo, Serrinha, 06.05.2013)

Baldoíno é lembrado com extremo respeito e admiração nas memórias de muitos quilombolas, que sobre ele contam muitas histórias. Dizem, por exemplo, que nos locais onde Baldoíno costumava mergulhar para lidar com os encantados, como é o caso da Ponta do Galção (Garção), são frequentes os casos de pessoas que viram visagens e ficaram perturbadas. Dizem ainda que, quando tiravam uma fotografia de Baldoíno, ele nunca aparecia na imagem revelada. Conta-se também que ele não permitia a entrada de cachaça na festa de São José, na comunidade da Serrinha, e que sempre adivinhava e interpelava quem vinha trazendo garrafas escondidas na canoa, apreendendo-as até o final da festa.

Baldoíno Melo e é reverenciado na comunidade da Serrinha, onde vivem muitos descendentes seus. Na Igreja de São José que existe na localidade, ao lado do altar exibem-se fotografias do curador e da esposa. Na camiseta da escola local também se exibe a imagem de seu rosto. E nas atitudes dos moradores, mesmo nas mais silenciosas, sente-se o peso da influência do Velho Baldoíno. Como nos contou Francisco Neuton Reis, ele ainda é tido como o protetor local.

Após Baldoíno a região do Trombetas não conheceu ainda um curador tão poderoso. Um de seus filhos herdou o dom, mas não chegou a desenvolvê-lo como o pai. Seu famoso espelho foi doado a outro curador, chamado Pedrinho, que atende na cidade de Curuá atualmente (para onde se mudou após muitos anos atendendo no Paraná de Óbidos). Na comunidade do Jarauacá um curador chamado Pedro Vieira, já falecido, atendia os moradores locais. Hoje em dia recorre-se a alguns benzedores que tratam “judiação de bicho” fazendo uso de defumações (com mucuracá, pelo de porco-espinho, envirataia, breu e caruaru) e rezas.

Culinária tradicional

Como em outras áreas quilombolas de Oriximiná, a alimentação básica dos moradores do território Trombetas inclui um extenso rol de pescados, carnes de caça e produtos derivados da mandioca, que quase toda família planta – farinha d’água, farinha seca, tapioca, beijus (beiju-mole e beiju-cica) e manicuera, cuja receita é a seguinte:

Manicuera, a gente rala ela, descasca. Minha mãe não descascava, ela lavava, ia na roça, tirava, lavava bem lavada aquela casca dela. Cevava. A gente tira o caldo dela e bota lá na panela pra apurar. Quando estiver bem apurado, que a gente vê que está pronto, a gente bota o cará, o arroz, do jeito que a gente gostar. Ou a batata (Raimunda Aguiar de Oliveira, Arancuan de Baixo, 06.05.2013).

Outros tubérculos (batata, cará, macaxeira) são cultivados, assim como milho, arroz e feijão. Pés de bananeira também são abundantes. Antigamente se faziam vinhos (sucos) de muitas frutas, entre elas pariri, cupuaçu e taperebá.

Em vários pratos, sejam doces ou salgados, usa-se o leite da castanha-do-pará, o que é um diferencial da culinária quilombola de Oriximiná.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Localização e acesso

O Território Quilombola Trombetas localiza-se no Município de Oriximiná, Microrregião de Óbidos, Mesorregião do Baixo Amazonas, Região Oeste do Pará. Estende-se numa área total de 80.877,0941 hectares, titulada desde 1997 pelo Incra (porção correspondente a 23.462,8725 hectares situados na Gleba Paru d’Oeste) e pelo Iterpa (porção correspondente a 57.024,6216 hectares).

Trombetas é composto por sete comunidades – Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan do Meio (Varre-Vento – Trombetas), Arancuan de Baixo, Jarauacá, Terra Preta II e Serrinha – e limita-se com outros territórios quilombolas – Jamary-Último Quilombo, Água Fria e Erepecuru.

Não há sobreposições com Unidades de Conservação, embora a Reserva Biológica do Trombetas seja limítrofe com o território.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Quanto às formas de ocupação o território divide-se, basicamente, em áreas de uso e áreas de moradia, onde estão sediadas as comunidades e instaladas as casas e edificações de uso coletivo.

O acesso às comunidades do território Trombetas se faz por via fluvial, através Rio Trombetas. Não há rotas regulares de barcos de linha para a localidade, mas alguns moradores possuem barcos preparados para viagens até a cidade mais próxima, Oriximiná. Em todas as casas há embarcações pequenas para trânsito nos limites do território e nas vizinhanças – canoas e bajeiras, a remo e movidas por motores tipo rabeta.

População

Estima-se em quase 400 famílias a população total do território. Há um equilíbrio entre a população masculina e feminina na localidade, mas, quanto à distribuição por faixa etária, nota-se maior concentração de crianças e adultos, observando-se o êxodo de adolescentes e jovens adultos para a cidade em busca de estudos e empregos. Não há dados disponíveis sobre as taxas de natalidade e mortalidade na comunidade.

Infraestrutura

São precárias as condições das comunidades do Trombetas no que tange à infraestrutura básica de abastecimento de água, saneamento, energia, comunicação, transporte e edificações.

A água para uso geral vem dos rios e lagos e não é tratada. Não há estrutura de saneamento e os banheiros contam com fossas cavadas no chão.

Não há serviço de distribuição de energia na localidade, mas nos centros comunitários funcionam motores geradores que são ligados diariamente durante algumas horas da noite e eventualmente em outros horários, de acordo com a disponibilidade de combustível e as necessidades das comunidades. Os geradores passaram a ser usados nas comunidades nos anos 1980, sendo que alguns foram doados pela Prefeitura.

Os moradores do território com frequência buscam serviços em Oriximiná e, às vezes, também em Santarém ou Óbidos.

Educação

Em Trombetas existem três escolas-polos que oferecem o ensino fundamental até o nono ano. Para o ensino médio os estudantes se deslocam para a cidade de Oriximiná. Como esta é a causa principal do êxodo da população jovem da comunidade, as lideranças quilombolas, por intermédio da ARQMO e de sua comissão recentemente criada para debater assuntos educacionais, têm demandado junto à Secretaria de Estado de Educação (Seduc) a criação de turmas de nível médio nas comunidades locais, sejam de caráter regular ou modular (intervalar).

O serviço de transporte escolar em barco contratado pela Prefeitura de Oriximiná atende a todos os estudantes do território. Os barqueiros buscam em casa todos os alunos, começando o trajeto de manhã bem cedo, e no fim das aulas deixam cada um em sua casa. Apesar de o serviço garantir o acesso à escola, os pais se queixam dos horários de viagem, pois, dependendo do local de moradia, a criança tem que sair de casa antes do raiar do dia e só retorna após o horário do almoço, passando muitas horas sem comer, já que a escola oferece apenas uma merenda no meio da manhã. A situação é mais grave para os alunos participantes de atividades extras, como as que são oferecidas pelo projeto Mais Educação. Nestes casos, aqueles que estudam pela manhã devem permanecer na escola para as atividades que são programadas à tarde, sem almoçar.

Saúde

Atendimentos de saúde no território Trombetas são escassos, assim como nas demais localidades pesquisadas. Existe um posto de saúde na comunidade Arancuan de Baixo, mas ele não funciona todos os dias e faltam-lhe medicamentos. Só se realizam aí pequenos procedimentos de primeiros socorros.

Em casos de mal estar e doenças tidas como comuns (febre, diarreia, gripe, dores no corpo), primeiramente recorre-se a cuidados tradicionais com ervas e cascas extraídas do mato ou do quintal de casa, conforme ditam os conhecimentos da medicina tradicional. Já para casos mais graves de doenças, o recurso é aos hospitais da cidade de Oriximiná e de Porto Trombetas ou de Santarém, onde é grande a procura pelo Hospital Regional do Baixo Amazonas. Cabe ressaltar que o atendimento em obstetrícia também tem sido crescentemente procurado nas unidades de saúde da cidade, na mesma proporção em que cai o número de partos feitos no interior, alterando-se assim uma relação que até pouco tempo atrás era de domínio quase exclusivo das parteiras tradicionais.

As lideranças quilombolas do Trombetas demandam a implantação de polos de saúde equipados e que sejam atendidos por pelo menos um técnico na área de saúde. A demanda já foi apresentada ao poder público em Oriximiná, por intermédio da Secretaria Municipal de Saúde e da Secretaria do Interior; à iniciativa privada, diretamente à gestão da Mineração Rio do Norte; e a uma organização não governamental, a Fundação Esperança. Até o momento da pesquisa as lideranças não tinham tido nenhum retorno ao pleito. Segundo Silvano Santos, coordenador da ARQMO e agente comunitário de saúde,

ninguém deu nenhuma resposta pra gente. A nossa ideia era construir um prédio pra atender sete comunidades. A ideia era que tivesse atendimento de saúde: médicos, enfermeiros, laboratoristas, dentistas uma vez por mês e, enquanto não

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

tivesse médico, que ficasse um enfermeiro. Esse projeto está elaborado e ninguém até hoje deu uma resposta pra gente, se esse projeto vai pra frente. Para as próximas conferências do Município a gente tem a ideia de tentar negociar uma das unidades de saúde da cidade ficar específica para atender as comunidades, pois apesar de ter uma área de referência... é muito difícil. A pessoa chega com um encaminhamento e ainda tem que esperar dois dias pra ser atendido. Então a briga que a gente está tentando fazer é que tenha uma unidade específica pra atender a zona rural pelo menos... É um problema, na verdade a gente não tem tido muito sucesso nessa área (Silvano Santos, Bacabal, 07.05.2013).

Organização social e política

O Território Quilombola Trombetas é representado pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Área Trombetas (ACORQAT), que é filiada à Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO).

No que tange às formas de organização na esfera do trabalho, os moradores decidem individualmente pela participação ou não em associações e sindicatos de pescadores, produtores rurais e outros, e na Cooperativa do Quilombo (CEQMO), que apoia a comercialização da produção dos castanheiros quilombolas.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O território Trombetas abrange paisagens distintas, desde áreas de floresta preservada até áreas antropizadas, correspondentes às zonas habitadas e cultivadas (áreas de moradia) e aos centros comunitários. Essa diferenciação relaciona-se diretamente com as formas de organização socioespacial das famílias quilombolas e com os seus modos de vida e as suas práticas produtivas, que configuram as áreas de moradia e as áreas de uso do território – mais afastadas das casas e centros comunitários, compreendendo rios, igarapés, lagos, florestas. Nas áreas de moradia o trabalho individual e familiar responde pela produção de bens e benfeitorias dos quais cada unidade doméstica pode gozar de forma privada. Já nas áreas de uso do território – todas aquelas que extrapolam o núcleo doméstico – o domínio é coletivo. Árvores, lagos, peixes, caças, frutos e quaisquer outros recursos naturais que venham a ser encontrados nessas áreas são considerados como propriedade coletiva, embora possam ser explorados individualmente pelos moradores para fins de subsistência. Enquanto nas áreas de moradia as decisões são mais restritas às unidades familiares, no que tange às áreas de uso os processos decisórios são públicos e empreendidos coletivamente, no âmbito da associação que representa o território.

Características gerais

A área compreendida pelo território Trombetas é representativa do bioma amazônico, caracterizada pela presença de florestas ombrófilas densa (mata pesada), densa aluvial (floresta inundável de igapós e de várzeas) e densa dos platôs (matas de terra firme); floresta ombrófila aberta (mata mais espaçada e de menor altura) e campinarana (campinas naturais). Há zonas de capoeira (formações vegetais antrópicas que se estabelecem a partir do processo de derruba e queima da floresta para abertura de roçados), campos para atividade agropecuária e zonas de solo exposto. Todo o território apresenta alta diversidade de espécies florísticas e faunísticas, tanto nos ecossistemas terrestres quanto nos ecossistemas aquáticos.

A drenagem no território é garantida pelo Rio Trombetas com vários lagos e igarapés. Esses cursos d'água atendem às comunidades locais com água potável, pescado e quelônios.

Exploração de recursos ambientais

Como nas demais áreas quilombolas pesquisadas, as comunidades do território Trombetas desenvolvem formas tradicionais de uso dos recursos naturais nos diversos nichos ecológicos que o integram. São formas características da economia extrativa que se implantou na região desde o tempo da ocupação dos primeiros mocambos, aliadas à prática da agricultura familiar.

A agricultura de subsistência é baseada no sistema tradicional de preparo da terra (derruba e queima), sem utilização de insumos e/ou mecanização. A agricultura comercial em pequena escala é realizada por poucas famílias e normalmente se caracteriza pela venda de excedentes para atravessadores que compram a mercadoria na própria comunidade. Nas roças predominam as plantações de mandioca, em todo o território. Dela produz-se farinha de mandioca, que é muito procurada pelos consumidores de Oriximiná. Banana e milho também são cultivados em volume considerável. A agricultura é o meio de vida de muitas famílias, e quem não tem seu próprio roçado pode trabalhar como diarista na “juquirá”, ou seja, na capina dos roçados de terceiros, em troca de diárias pagas em dinheiro.

Dentre os produtos de extrativismo o mais importante para a economia familiar é a castanha, que é

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

comercializada em escala significativa, seja diretamente pelo extrator, seja por intermédio da CEQMO.

A caça, a pesca e a captura de quelônios (entre eles o tracajá, muito apreciado na região) são atividades cotidianas voltadas para a alimentação das famílias. As caças preferidas são mamíferos (cotia, porco do mato, jabuti, veado, anta, tatu). Os pescados são variados: caramolô, mafurá, tucunaré, pacu, mapará, tambaqui e peixe-boi.

A extração de talas (arumã), palhas, cipós (cipó ambé, timbó-açu, cipó titica) e é feita nas florestas e destina-se à produção artesanal de objetos para uso doméstico, japás (coberturas de portas e janelas) e coberturas de casas. Breu e sementes também são produtos florestais coletados para uso próprio e comercialização.

O extrativismo de madeira é importante para a construção de casas, barcos, cercas e currais para criação de pequenos animais (porcos, galinhas, patos) e algumas cabeças de gado.

Conflitos ambientais

A exploração madeireira e a expansão pecuarista são as principais causas de problemas ambientais no território Trombetas, não só devido aos danos diretos causados à natureza, mas também pela introdução de agentes externos na área quilombolas, cujos modos de vida e práticas culturais contrastam com os da população local, interferindo assim na preservação do seu patrimônio natural e cultural.

Estudos da CPI-SP demonstram que desde a titulação da terra quilombola os índices de desmatamento vinham caindo progressivamente – de 305,17 hectares entre 2001 a 2005 para 155,51 hectares nos de 2006 a 2009 –, o que corrobora a hipótese de que os modos de uso do território pela população nativa são menos agressivos e mais sustentáveis. Porém, a situação atual é preocupante e sugere que esses índices podem voltar a subir.

Em fevereiro de 2011 a ACORQAT firmou acordo com a Construtora Medeiros Ambiental Ltda. para exploração de madeira em seu território. Segundo dados divulgados pela Comissão Pró-Índio, a empresa teria apresentado aos comunitários uma estimativa de renda mensal em torno R\$ 1.800,00 para cada família (www.cpis.org.br), atraindo assim os quilombolas para o projeto de exploração madeireira. A atividade foi licenciada no ano seguinte pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará, numa área correspondente a 75% da dimensão total do território. A licença vale até 2017, mas muitos quilombolas já começam a perceber que o empreendimento não só está trazendo os benefícios esperados como ainda pode pôr em risco a disponibilidade de recursos naturais indispensáveis à sobrevivência das famílias locais, atingindo diretamente sua segurança alimentar e a saúde do ambiente em que residem.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

O território Trombetas, assim como os demais, é consideravelmente mais rico em marcos naturais (lagos, igarapés, florestas) que em marcos edificadas. Estes últimos são pouco numerosos e significativos para a população local, e ocorrem exclusivamente nas áreas de moradia das comunidades que o integram.

As próprias residências das famílias, neste cenário, são marcos que condensam histórias da ocupação da área. As casas são feitas com madeira ou alvenaria e estão situadas preferencialmente nas margens dos lagos, igarapés e do próprio Rio Trombetas. Em vários terrenos existem casas de farinha para uso das famílias. Elas são construções simples de madeira, sem paredes e com cobertura de palhas. Compõem-se de equipamentos rústicos usados na produção doméstica de farinha e outros derivados de mandioca: forno, gareira, catitu, rodete, tipiti, entre outros, que são feitos de madeira, palhas e talas.

Edificações que sobressaem nas comunidades são os barracões comunitários, as igrejas devotadas aos santos padroeiros e os barracões de festa, além das escolas. Esse conjunto, em regra, compõe o centro das comunidades.

As principais igrejas são: igreja de Nossa Senhora da Piedade, em Arancuan de Baixo; igreja de São Francisco do Canindé, no Jarauacá; e igreja de São José, na Serrinha.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A formação histórica das comunidades que atualmente integram o território Trombetas é semelhante à de outras comunidades quilombolas que se originaram dos mocambos instalados no alto curso encachoeirado do Rio Trombetas por negros fugidos da escravidão no século XIX, os quais, após a abolição da escravatura em 1888, vieram se estabelecer em zonas mais baixas do rio, mais próximas às cidades com as quais mantinham relações comerciais. Esse deslocamento, conhecido como descenso, implicou a transferência dos mocambos dos altos das cachoeiras para as chamadas “águas mansas” e assim deu origem às comunidades quilombolas atuais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Os núcleos de povoamento estabelecidos pelos remanescentes dos mocambos do Alto Trombetas permaneceram sem identificação e delimitação formal como comunidades durante muito tempo. A Serrinha – assim chamada em alusão a pequenas serras que existem no lugar – foi a primeira localidade a se organizar coletivamente, a partir da década de 1930, com a construção de uma pequena escola que atendia a crianças das proximidades do rio Trombetas. No entanto, foi só na década de 1960 que passou a se atribuir como comunidade. Até então, era concebida como um “lugar do povo reunido” onde havia práticas de solidariedade correntes. Um pouco da história da localidade é contada por Altino Régis de Melo, neto do famoso curador Baldoíno Melo:

Pois é, meu avô foi um dos fundadores quase desse Trombetas. As comunidades que existem, da Tapagem, Abuí, Paraná, todos nasceram da Serrinha. Os moradores que estão lá saíram daqui da Serrinha. Erepecuru também, a mesma coisa. 50% do Trombetas nasceu daqui da Serrinha. É a mais antiga de todas dos Quilombolas do Município de Oriximiná. Foi a primeira a se organizar como comunidade. Depois da serrinha foi a Tapagem. Aqui no Erepecuru foi o Jarauacá. Ela é de 35. Ela iniciou em 35 e em 40 ela já estava mais mobilizada. O meu avô faleceu em 72, com uns oitenta e poucos anos. Ele veio de outro lugar, ele veio debaixo de Prainha. Moraram em Pacoval, de Pacoval passaram em Óbidos, de Óbidos ele veio pra cá e foi para o Puraquê, um lugar acima do Jauari. De lá que ele veio pra cá, em 35 ele chegou aqui. O papai já nasceu aqui em 40. Na verdade já existia um povo aqui dentro. Outras comunidades. Mas era um povo pouco. Na época era só meu avô que era o curador, a escola só existia aqui e os moradores vinham fazer sua habitação aqui e traziam os filhos pra estudar. Foi assim que começou, depois da morte dele [do avô] em 72, aí que o pessoal debandou e foi criando as novas comunidades (Altino Melo, Serrinha, 06.05.2013).

Na década de 1980 os demais povoamentos do Trombetas passaram a se mobilizar para serem reconhecidos como comunidades, no que tiveram um grande apoio da Igreja Católica. Nessa época, a organização política dos moradores mostrava-se fundamental para o enfrentamento dos prejuízos imputados pela implantação de projetos minerários – a partir da instalação da MRN – e da criação das Unidades de Conservação federais na região, que, apesar de não incidirem diretamente no território Trombetas, afetam o ecossistema do qual os seus moradores dependem.

A comunidade de Arancuan do Meio, também chamada Varre-Vento, foi organizada na década de 1970, quando foram celebradas as primeiras missas na localidade. Seu Adelson Gomes narra a fundação:

Acho que veio dos negros. Porque quando nós começamos a fundar nossa comunidade aqui, eu lembro que era só nós de família, só nós, os filhos da mamãe que moravam aqui. Aí chegou uma família do lado esquerdo com a mulher. Aí ajudaram, e com mais um pouco de prática, a ajuda dos padres, que eles vinham de vez em quando aqui. Aí marcavam o dia pra missa, mas só era mesmo aquele grupinho. Nós éramos pouco. Aí começou a comunidade. Isso aí foi... em 70... Mas acho que foi em 72, a modo... Que começaram a celebrar, que era embaixo das árvores, depois que fez uma capelinha aí. Um irmão meu que fez. De itaúba. Nesse tempo ainda era lavrado no machado, lavava aquelas pranchas e ia fazendo. Na época era mais negro. Tinha o finado Ranulfo, tinha a finada Rosária, o finado Toró, esses aí que começaram a fundar essa comunidade, que ajudaram muito nós aqui (Adelson Gomes, Arancuan do Meio, 06.05.2013).

A comunidade de Arancuan de Baixo foi organizada a partir de 1984, com a fundação da primeira escola local, cujo professor chamava-se Raimundo Pereira. Antes disso, Seu Cadico explica que no lugar havia só um povoamento: “tinha uma casa bem aqui e ela murava ali, e a mãe dela, que é minha irmã, morava bem aqui, era só um caminho, depois, depois nós fundamos essa escola aqui em 84”. Dois anos depois, em 7 de maio de 1986 foi celebrada a primeira missa na comunidade, que também é conhecida como Nossa Senhora da Piedade (padroeira do lugar) e como Varjão.

Tem um lugar acima daqui, que passa o Varre Vento, no Aracuan de Cima, que tinha uma imagem que recebeu o nome de Piedade. Lá tinha uma pequena capela e então a gente ia nos movimentos daqui participar lá. Nessa denominada comunidade. Era uma pequena comunidade, na verdade era uma família só. Eles tinham essa santinha e começaram a fazer rezinha. Aqui já era mais povoado, já era maior. Quando foi fundada aqui, já tinha muito moradores aqui, já. E então eles trouxeram, se reuniram, conversaram e disseram que seria melhor [festejar] aqui. E ele [Raimundo Pereira, o primeiro professor no local] desemburrou nossos filhos. Veio pra cá sendo um professor, desemburrou nossos filhos. Ee fez um

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

negócio conosco. Se nós trouxéssemos a igreja deles de lá pra plantar aqui, ele ia ser professor de nossos filhos. Foi ele que desemburrou (Raimundo Vieira, Arancuan de Baixo, 06.05.2013).

A comunidade de Jarauacá, também conhecida como São Francisco do Canindé (padroeiro do lugar), começou a se organizar nos anos 1960, embora nela já houvesse famílias residentes antes dessa data. A Igreja católica apoiou a construção, em 1962, da capela cuja inauguração é tida como o marco de fundação da comunidade. A população local é formada por descendentes de negros mocambeiros e migrantes cearenses, entre eles o senhor Zé Moura, que doou a imagem do santo padroeiro para a comunidade. O quilombola Josivaldo Salgado explica:

Bom a comunidade se estruturou a partir da igreja, né? Aliás, com o apoio da Igreja, então a igreja, obviamente deixou uma marca como registro, por exemplo... essa imagem de santo, lá do Ceará, que veio. Zé Moura trouxe a imagem e doou pra ser padroeiro da comunidade. Então, a partir disso a comunidade passou a ser nomeada com o nome do padroeiro. [Ele era] um dos primeiros moradores. Veio do Ceará nosso padroeiro. É uma corrente, né? Todos têm esse São Francisco, né? Mas acaba ganhando várias dimensões: Canindé, São Francisco de Assis, das Chagas, mas é a mesma corrente católica. Até a origem dele é cearense, Zé Moura, ele era cearense. Acho que é por isso que ele trouxe essa imagem. Os moradores nos contaram que eles são oriundos muitos do Ceará, por questões que acabaram fugindo lá do Ceará por causa de brigas e outras coisas, vinham pra essa localidade. E, no caso, são pessoas, não negros, né? E os negros, que por algum motivo também andavam fugindo da escravidão, acabaram parando pra cá pra essas áreas e aqui acabou ficando esse convívio, juntando essa população, formando essa comunidade. No caso, pra formar a comunidade já teve o trabalho de todos, foram, subiram o rio, no caso o Acapu, que começa aqui, de canoa pra ir tirar ubim pra construir a capela, a capela foi feita de ubim (Josivaldo Salgado, Jarauacá, 07.05.2013).

A comunidade de Bacabal foi criada por famílias remanejadas do Lago do Batata em função do desastre ambiental (poluição do lago com dejetos da mineração de bauxita) provocado pela Mineração Rio do Norte logo após sua instalação em Porto Trombetas. O ano de 1981 é fixado como a data de fundação da comunidade, cujo nome alude a uma bacabeira (palmeira) que ficava na entrada do lago que dá acesso ao lugar.

Após a Constituição Federal de 1988, que estabeleceu o direito das comunidades remanescentes dos quilombos terem reconhecida a propriedade das terras por elas tradicionalmente ocupadas, as comunidades do Trombetas começaram a lutar pela titulação do território, com apoio da ARQMO e da Igreja Católica.

Foi através de uma luta da área Trombetas contra uma invasão de uma empresa madeireira que fez um título falso de 9 mil hectares dentro da área Trombetas. Lá na comunidade Bacabal eu fui uma das lideranças que mobilizou as comunidades para impedir que o processo dessa empresa fosse concluído. Isso aconteceu em 93, só que a gente já vinha participando dos trabalhos da ARQMO desde 89, quando foi fundada. Por conta dessa luta o pessoal achou que seria interessante que eu ficasse na liderança, as comunidades me indicaram e quando foi na assembleia eu fui eleito pra fazer parte (Silvano Santos, Bacabal, 07.05.2013).

Logo os opositores do movimento quilombola fundaram a Associação dos Produtores e Criadores Rurais da Bacia do Rio Trombetas, a Astro, que tinha por objetivo defender os direitos dos posseiros, em grande parte não quilombolas, que não aceitavam as propostas de demarcação e titulação de territórios coletivos. Influenciados pela Astro, alguns moradores (conhecidos como “os individuais”) recusaram-se a integrar o processo para demarcação e titulação da terra quilombola e optaram pela titulação de lotes individuais que foram delimitados dentro da área do território.

A titulação do Território Quilombola do Trombetas aconteceu em 20 de novembro de 1997, tanto por parte do Incra quanto do Iterpa.

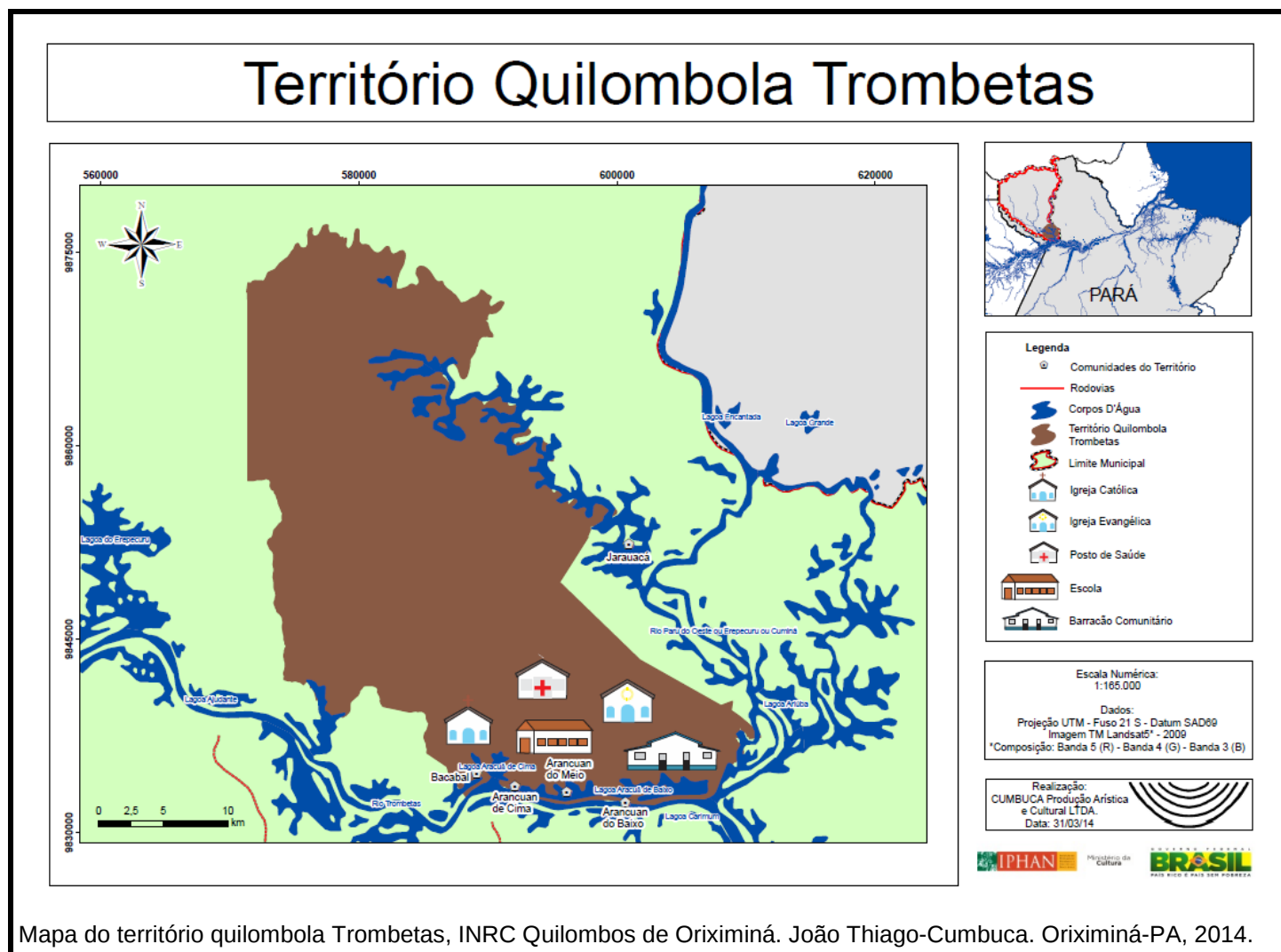
5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Século XIX	Formação dos mocambos do Alto Trombetas, durante a segunda metade do século, seguida do descenso dos mocambeiros do alto das cachoeiras para as zonas mais baixas dos rios já no final do século, sobretudo após a abolição da escravidão em 1888.
1930	Início da organização da comunidade de Serrinha, a mais antiga do território.
1960	Fundação da comunidade de Serrinha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

1962	Construção da capela São Francisco de Canindé em Jarauacá e fundação da comunidade.
Década de 1970	Instalação da empresa Mineração Rio do Norte no município de Oriximiná, mais especificamente na cidade-enclave de Porto Trombetas. Desastre ambiental no Lago do Batata, provocado pelos dejetos da mineração de bauxita, no final da década.
1972	Criação da comunidade de Arancuan do Meio.
1979	Criação da Reserva Biológica do Rio Trombetas.
1981	Fundação da comunidade de Bacabal.
07 de maio 1986	Fundação da comunidade Arancuan de Baixo.
07 de setembro de 1997	Fundação da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos Bacabal, Arancuan de Cima, Arancuan do Meio, Arancuan de Baixo, Serrinha, Terra Preta II e Jarauacá (ACORQAT).
20 de novembro de 1997	Titulação do Território do Trombetas pelo Iterpa e pelo Incra.
8 de agosto de 2012	Concessão da Licença de Atividade Rural nº 1953/2012 pela SEMA, visando à exploração madeireira no território Trombetas.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Aqui serão apresentados apenas os instrumentos que incidem destacadamente na localidade em questão. Na Ficha de Identificação de Sítio são mencionados todos os instrumentos que incidem em comunidades quilombolas de um modo mais geral, em âmbito regional e federal.

1. Constituição da República Federativa do Brasil 1988, em especial o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dispõe sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes quilombolas sobre as terras que ocupam tradicionalmente;
2. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;
3. Decreto nº 261 de 22 de novembro de 2011 que institui a política estadual para as comunidades remanescentes de quilombos no Estado do Pará e dá outras providências;
4. Instrução Normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009/Incra que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o Art. 68 do ADCT-CF/88 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.
5. Lei estadual nº 6.165 de 02 de dezembro de 1998 que dispõe sobre a legitimação de terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos no Pará e dá outras providências.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

As comunidades do território Trombetas sofrem problemas semelhantes às demais áreas quilombolas, que são pressionadas em relação aos variados recursos naturais de que dispõem. No caso do Trombetas é mais preocupante o risco de aceleração do desmatamento em função do recente licenciamento de exploração madeireira na área.

No entanto, os moradores locais não estão passivos diante das mudanças que consideram negativas e vêm lutando, por intermédio das organizações quilombolas, pela manutenção das práticas que herdaram dos antepassados dentro do território.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se apoio às manifestações culturais que têm referência nas antigas festas de santos e nas músicas “de pau e corda”, em atenção a uma demanda das comunidades no sentido de reviverem essas expressões culturais e transmitirem-nas aos mais jovens. Tal demanda é expressa por Silvano Santos, coordenador da ARQMO e liderança do território:

A minha ideia era fazer uma oficina. Na verdade seriam duas, na área de Trombetas e Erepecuru, as duas juntas e chamar toadas as pessoas mais idosas pra fazer uma oficina de informações culturais, pra os velhos passar para os mais novos. A ideia era que fosse trabalhada essa questão e no decorrer dessa programação a gente fazer umas tipo uma ação que a gente começou a fazer ali na comunidade do Juary. O Daniel juntou ali umas pessoas que a gente conhecia, nós arrumamos transporte e levamos para lá. Fizemos uma aula de música antiga e o pessoal mais jovem que toca guitarra, teclado, se juntaram com os mais velhos que tocam violino, tambor, banjo e a gente, numa primeira noite, a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

gente fez uma festa. Na primeira noite a gente fez também uma aula dos mais velhos com os mais novos, e eles aprenderam a tocar lundum no teclado e foi assim... Nós juntamos os mais velhos com os mais novos e fizemos assim, essas festas de pau e corda. Era uma aula que eles fizeram para os mais novos. No sentido de fazer o repasse dessas informações dos mais velhos para os mais novos e introduzir a cultura antiga com os mais novos de hoje. Eles não gostam de dançar valsa, de dançar mazurca e lundum. A ideia principal era juntar uma coisa com a outra para que todas as pessoas gostassem (Silvano Santos, Bacabal, 07.05.2013).

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	09	13	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	1 - Festa “cultural” 6 – Festa de Nossa Senhora da Piedade 7 – Festa de Nossa Senhora de Fátima 15 – Festa de São Francisco do Canindé 17 - Festa de São João Batista 29 - Festas Juninas 34 - Casa de farinha 36 – Igreja de Nossa Senhora da Piedade 37 – Igreja de Nossa Senhora de Fátima 40 – Igreja de São Francisco do Canindé 53 – Desfeiteira 59 – Ladainhas 60 – Lundu 62 – Mazurca 63 - Músicas de pau e corda (usa-se também a expressão “festa de pau e corda”) 65 – Quadrilha 66 – Valsa 105 - Artesanato de talas, palhas e cipós 106 - Culinária tradicional 108 - Medicina tradicional 111 – Modo de fazer beiju-cica 114 - Modo de fazer farinha de mandioca 118 - Modo de fazer tapioca 120 - Ofício de agricultor 121 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 122 - Ofício de caçador 123 - Ofício de castanheiro 128 – Ofício de parteira 129 - Ofício de pescador 130 – Puxirum 131 - Técnicas de construção tradicionais
	1 – Adelson Gomes Santos Carvalho 12 – Apolônia Lopes Souza 43 – Evaldo Soares 60 – José Manoel Guedes de Melo 66 – Josivaldo Salgado de Sousa 90 – Maria José Vieira da Silva 116 – Raimundo Vieira da Costa
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Aldo Luciano Correa de Lima
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	09	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REDATOR	Aldo Luciano Correa de Lima	DATA 28/03/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho	